

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

1

A história oral e a análise de narrativas sobre a “Festa de São Cosme e Damião da Dona Nilda Benzedeira” em Matinhos/PR (1992-2015): uma discussão teórico-metodológica.

1. A crença em Dona Nilda Benzedeira e em sua festa a São Cosme e Damião em Matinhos/PR (1992-2015)

Nilda Teles da Silva, popularmente conhecida como “Dona Nilda Benzedeira”, “Tia Nilda Benzedeira”, “Vó Nilda” ou ainda “Avozinha” – como, segundo ela, a maioria lhe chama atualmente – é a mais velha dentre dez irmãos. Filha de José Dinarti da Silva e Maria Vaz da Silva, nasceu em oito de agosto de 1933 no município de Contenda (PR). Ao ser indagada quanto a sua formação religiosa, Dona Nilda afirma que é filha de pai espírita e mãe católica, mas que professa a religião da mãe, enfatizando que realizou sacramentos católicos- como primeira comunhão e crisma- e que frequenta a missa sempre que possível.

Segundo a benzedeira, seu pai, José Dinarti, era benzedor e “recebia” espíritos- ou seja, de acordo com a doutrina espírita kardecista, era um médium¹ - mas não se dedicava por considerar um empenho muito grande. Apesar de não gostar muito, o senhor José Dinarti frequentemente benzia males como picadas e cobreiros, muito constantes na área rural em que residiam. Dona Nilda afirma que não é médium como seu pai, mas que, em suas benzeduras, recebe a ajuda de espíritos de médicos: “Sou católica. Não pego espírito [risos]. Meu pai recebia e eu não. Mas eu acredito muito no Doutor Leocádio e no Doutor Bezerra.²Eles me ajudam muito.” (SILVA, 2013: 03).

Única dentre os dez irmãos a ter o “dom de benzer”, Dona Nilda iniciou as atividades de benzedeira com apenas doze anos, idade em que diz ter sido acometida por reumatismo, o que fez com que seu pai procurasse um remédio homeopático para ela em outro benzedor, que residia na cidade de Guajuvira (PR) e era conhecido como “Compadre Joanino”. Ela afirma que quando o senhor José Dinarti voltou para casa, já estava curada por um benzimento à distância que compadre Joanino teria realizado, fato que considera como marco inicial de sua missão como benzedeira. Dona Nilda relata que após esse

¹Médium: “Pessoa que pode servir de intermediária entre os espíritos e os homens” (KARDEC, 2003:71).

²O Doutor Leocádio a que Dona Nilda se refere trata-se do médico, ator, escritor, jornalista e político Leocádio José Correia, nascido em 16 de fevereiro de 1848 em Paranaguá/PR, e falecido em 18 de maio de 1886, na mesma cidade. (MAIA, 2016). Segundo a Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, poucos anos após seu falecimento, Doutor Leocádio já teria começado a manifestar-se espiritualmente, primeiro no litoral de Santa Catarina e, posteriormente, no Paraná. (<http://www.sbee.org.br/drleocadio/sbee/orientadores/leocadio-jose-correia> Acessado em 10/05/2016). Quanto ao Doutor Bezerra, também citado pela benzedeira, trata-se do médico e político Adolfo Bezerra de Menezes, nascido em 29 de agosto de 1831 em Riacho do Sangue/CE, e falecido em 11 de abril de 1900, no Rio de Janeiro/RJ. Segundo a Federação Espírita Brasileira, Doutor Bezerra de Menezes ficou conhecido como “o médico dos pobres”, devido a sua incansável atividade em benefício dos mais necessitados. (<http://www.febnet.org.br/blog/geral/noticias/efemeride-desencarnacao-bezerra-de-menezes/> Acessado em 10/05/2016).

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

2

ocorrido, logo realizou sua primeira benzedura, que seria de um rapaz que estava com cobreiro na orelha e que, depois disso, a fama da “menina benzedeira” se espalhou rapidamente por Contenda e ela nunca mais parou de benzer.

Chegando a Matinhos na “Sexta- feira Santa” do ano de 1992, tendo apenas a comadre Josepha das Neves Pereira como referência na cidade, na casa de quem ficou instalada até construir sua própria residência³, a benzedeira conta que assim que chegou à cidade já começou a se dedicar às benzeduras, devido ao fato de sua comadre ter espalhado a notícia de seus dons pela vizinhança, fazendo com que o início da procura por suas práticas tenha sido rápido.

Dona Nilda afirma possuir fiéis de todas as idades, religiões e classes sociais, ressaltando o fato de atender a todos da mesma forma. Segundo ela, a maioria das queixas das pessoas que a procuram está relacionada a problemas rotineiros das crianças- como o popular “mau-olhado”, por exemplo- e a problemas sentimentais.

Para as benzeduras, Dona Nilda diz usar galhos de arruda e água benta vinda da cidade de Aparecida do Norte (SP), do Santuário de Madre Paulina na cidade de Nova Trento (SC), das igrejas locais e até consagradas através de orações feitas por padres nas rádios locais.

Diante do exposto, deparamo-nos com certa dificuldade em relacionar a prática de Dona Nilda a uma única religião, considerando-a como um sincretismo de elementos religiosos: A água consagrada no catolicismo é utilizada para, juntamente com a arruda, benzer pessoas de diferentes religiões, dentro de um oratório que possui elementos materiais tanto do catolicismo como do candomblé e da umbanda e através de uma benzedeira que se define como católica, mas acredita na possibilidade de espíritos lhe auxiliarem nas benzeduras de pessoas doentes, ideia que se aproxima das defendidas pelo espiritismo kardecista e pelas religiões afro-brasileiras. Cabe aqui comentarmos a participação da mãe de santo Ivone Fátima de Lima na crença e na festa organizada pela benzedeira. Líder de um terreiro de umbanda da cidade, Dona Ivone contou em entrevista concedida que ela e Dona Nilda são grandes parceiras, afirmando que quando uma “não dá conta” do problema do fiel, encaminha para a outra. Dona Ivone comenta inclusive que já precisou ajudar a benzedeira em um dos anos da festa, ocasião em que, segundo a mãe de santo, algumas pessoas presentes no evento teriam incorporado espíritos, e Dona Nilda, católica, não teria conseguido lidar com a situação. (LIMA, 2013).

Dona Nilda afirma que benze seus inúmeros fiéis sem cobrar por isso- enfatizando que jamais

³A casa onde Dona Nilda reside, realiza as benzeduras e organiza a festa a São Cosme e Damião, se localiza na Rua Diomar Renato Cunha, nº 991, bairro Tabuleiro.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

3

cobraria pelo dom divino que recebeu- e que solicita apenas que levem velas para serem acesas aos santos após a benzedura. Apesar disso, confessa que as pessoas muitas vezes lhe dão dinheiro por vontade própria e que recebe como presente diferentes bens materiais, como roupas, sapatos e alimentos, fora os tantos convites para os mais variados tipos de comemorações.

A benzedeira também é bastante lembrada na cidade pelo trabalho social que realiza no bairro onde reside e, devido as suas tantas formas de contribuição à comunidade matinhense, foi homenageada pela Loja Maçônica Estrela do Mar nº 1912, que lhe conferiu o certificado de “Honra ao Mérito” no ano de 2012. Além disso, ela afirma ter participado de duas reportagens para a RIC-TV e de uma palestra na UFPR- Litoral, em Matinhos. No ano de 2014, a benzedeira recebeu da Câmara Municipal de Matinhos o título de “Cidadã Honorária Matinhense”, além de receber constante menção nos meios de comunicação locais como rádio, jornais e sites⁴. O maior destaque na prática de Dona Nilda na cidade é a festa a São Cosme e Damião por ela organizada.

Os santos católicos Cosme e Damião, identificados como os gêmeos Acta e Passio, teriam nascido em Egeia (agora Ayas, no Golfo do Iskenderun, Cilícia, Ásia Menor) entre os anos 280 e 287 da era Cristã, sendo médicos e propagadores do cristianismo ao longo da Ásia Menor, especialmente na Síria e na Armênia. As atividades humanitárias dos médicos gêmeos e as conversões de indivíduos ao cristianismo por eles realizadas chamaram a atenção das autoridades, uma vez que na época, por volta do ano 300, o imperador romano Diocleciano liderava a perseguição aos cristãos. Por pregarem o cristianismo em detrimento do paganismo, foram presos sob a acusação de feitiçaria e uso de meios diabólicos nas curas que realizavam. Em 303, o imperador decretou que fossem decapitados e, devido ao martírio, os gêmeos foram canonizados pela igreja católica no século VI, quando parte de seus restos mortais- depositados na Síria- foram levados para Roma e consagrados na igreja que levou o nome dos santos. A outra parte dos restos mortais foi guardada na Igreja de São Miguel, em Munique. Os santos já eram intensamente cultuados no oriente pela igreja cristã ortodoxa e, no contexto das Cruzadas, o culto espalhou-se por países como Portugal e Espanha, na ocasião do retorno dos cruzados. (LIMA, 2005).

No Brasil, a crença católica nesses santos data do século XVI, quando foi construída a primeira igreja em homenagem a eles na cidade de Igarassu (PE). A devoção trazida pelos portugueses se espalhou pelo Brasil e, de forma sincrética, foram relacionados nas religiões afro-brasileiras aos orixás-meninos

⁴Exemplos: Edição de número 34 do jornal local O Imparcial, de 25/09/2014, que divulgou a notícia de que Dona Nilda receberia o título de “Cidadã Honorária Matinhense” (<http://www.youblisher.com/p/984861-Jornal-O-Imparcial-Ed-34-de-25-09-2014/>) e o site do vereador de Matinhos Zé da Ecler, que registrou a entrega do referido título à benzedeira (http://zedaecler.blogspot.com.br/2014_09_01_archive.html. Acesso em 17/06/15).

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

4

Ibejis, filhos gêmeos dos orixás Xangô e Iansã. Considerados pelo catolicismo como protetores dos médicos, farmacêuticos e crianças por terem sido médicos caridosos, os santos Cosme e Damião são celebrados no dia vinte e seis de setembro no catolicismo e vinte e sete de setembro no candomblé e na umbanda. É frequente a associação entre os santos católicos e o “erê”, que é um estado infantilizado do transe no candomblé e na umbanda, que seria a passagem a um segundo estado que possibilita o contato com as instâncias espirituais que auxiliam na cura de doenças e obtenção de poderes curativos. (LIMA, 2005).

Diante disso, em ambas as crenças, há o costume de distribuição de doces e refrigerantes às crianças nas ocasiões de celebração dos santos- ou orixás-meninos- o que geralmente se dá em meio a uma festa. Tal costume tem origem na prática africana de inclusão de alimentos em rituais religiosos. No nordeste- especialmente na Bahia- além de doces, o prato costumeiramente oferecido a São Cosme e Damião e aos Ibejis é o caruru, um cozido feito basicamente de quiabo, camarão seco, castanha de caju e azeite de dendê. (LIMA, 2005). As festividades relacionadas a São Cosme e Damião acontecem por todo o Brasil, e, apesar de se assemelharem em muitos aspectos, apresentam muitas particularidades de uma localidade para outra; e até mesmo de festa para festa em uma mesma localidade.

No que toca à Festa de São Cosme e Damião da Dona Nilda Benzedeira, não foram encontrados registros escritos que comprovem a data em que passou a acontecer na cidade, portanto, a referência temporal utilizada nesta pesquisa – 1992- se dá em razão de que, em entrevista concedida, a benzedeira evidenciou que vem realizando a festa desde que chegou à cidade.

O auxílio recebido de São Cosme e Damião ao benzer pessoas doentes, seria, segundo Dona Nilda, o motivo de realizar todos os anos em sua casa, no mês de setembro, a festa em homenagem aos santos, em que ocorre o sincretismo de elementos relacionados a diferentes religiões- assim como na prática rotineira da benzedeira.

A festa leva o nome de santos do catolicismo e, inicialmente, participantes se revezam na condução da reza de um terço a Nossa Senhora Aparecida. Porém, no decorrer da celebração, Dona Nilda realiza uma benzedura coletiva se dizendo auxiliada por espíritos, ação compreendida- para não dizer exaltada- pelas religiões espírita kardecista e afro-brasileiras. Na sequência, uma mesa repleta de doces é oferecida às crianças, costume fortemente influenciado pelo candomblé e pela umbanda, devido à prática de oferecimento de alimentos em rituais dessas religiões. Além disso, a Festa de São Cosme e Damião da Dona Nilda Benzedeira possui a particularidade de contar com vários elementos seculares, como

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

5

palhaços, música ambiente, shows artísticos de MPB e de sertanejo universitário.⁵

Em sintonia com a afirmação de Euclides Marchi (2005) de que a religiosidade trata-se de um ritual de relacionamento com o transcendente que envolve forma e emoção, as narrativas orais acerca da crença em Dona Nilda benzedeira e em sua Festa a São Cosme e Damião foram intensamente exploradas, a fim de refletirmos acerca da pluralidade das noções de sagrado, das diferentes formas de se entender e praticar a fé na contemporaneidade e do lugar dos sentimentos em todas essas questões.

Tendo observado a festa nos anos de 2013, 2014 e 2015, dispomos de um arquivo com fotos e vídeos referentes ao evento. Tais registros permitem que se atente à prática ritualística ao longo da festa, no que se refere à simbologia dos gestos e da fala de Dona Nilda, bem como às reações dos participantes da festa perante as ações da benzedeira. Possuímos também uma reportagem de um jornal local sobre a realização da festa pela benzedeira e um certificado de honra ao mérito oferecido à Dona Nilda no ano de 2012 pela Loja Maçônica Estrela do Mar nº 1912, em agradecimento aos serviços prestados à comunidade matinhense. Mesmo em face da disponibilidade dos registros mencionados, as narrativas orais se colocaram como o principal recurso para a pesquisa em questão.

Sendo esta uma pesquisa realizada através da metodologia da história oral, os dois próximos itens se dedicarão a considerações acerca da mesma, bem como da intensa relação entre história e memória. Buscaremos refletir sobre a aplicação dos pressupostos defendidos pela história oral ao estudo da religião e das religiosidades contemporâneas, especialmente à análise das narrativas orais acerca da crença e da festa em questão.

2. História oral: Emergência, definições e principais pressupostos aplicados à análise da crença em Dona Nilda Benzedeira e em sua festa a São Cosme e Damião

A reintrodução da fonte oral⁶, na segunda metade do século XX, não foi aceita de imediato pela comunidade acadêmica. Os praticantes de história oral ficavam à margem das instituições e se organizavam em grupos particulares com suas próprias instituições e revistas. De acordo com Marieta de Moraes Ferreira (2007), em 1950, nos Estados Unidos, uma primeira equipe de pesquisadores se dedicou à coleta de depoimentos orais fazendo uso de um gravador, objetivando o desenvolvimento de um programa de entrevistas direcionando para a conservação de informações sobre grupos dominantes no referido país, ação que culminou no *Columbia Oral History Office*, organismo que serviu de modelo para

⁵Os elementos seculares não são fixos, variando de ano para ano.

⁶Utilizamos a expressão “reintrodução” devido ao fato de a história africana sempre ter se utilizado de fontes orais. (JOUTARD, 2006).

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

6

a criação de outros centros com semelhante finalidade. A princípio, a intenção era a de preencher as lacunas do registro escrito através da constituição de arquivos de fitas transcritas. Neste contexto, podem ser citados outros projetos de coleta de depoimentos, como o do Comitê de História da Segunda Guerra Mundial, na França, e o Instituto Nacional de Antropologia do México, com ênfase na história da Revolução Mexicana. Na Itália, sociólogos e antropólogos adeptos de partidos políticos de esquerda, passaram a utilizar a investigação oral para o estudo da cultura popular.

A partir da década de 1960, os testemunhos deixaram de ser encarados apenas como informações complementares às fontes escritas. Nos EUA, a luta de negros, mulheres e imigrantes por direitos civis, fez das minorias as responsáveis pela afirmação da história oral, que passou a ser utilizada com a intenção de se conferir voz aos grupos dominados. Assim, a história oral trouxe à tona informações até então não contempladas pela história acadêmica, consolidando-se como uma abordagem militante que, a princípio, não obteve boa repercussão entre os historiadores. A expansão do uso da história oral se deu em meio a movimentos contestatórios, passando a existir vertentes que, de tão radicais, chegaram a defender uma história alternativa em relação à academia e também a qualquer historiografia baseada em fontes escritas. Como consequência desse movimento, foi fundada em 1966 a *American Oral History Association* e em 1967 começou a circular a *Oral History Association Newsletter*. (FERREIRA, 2007).

Em 1975, Ronald Grele propôs, no livro *Envelopes of Sounds*, a constituição de uma história oral universitária, porém voltada para os sujeitos excluídos. Tal ideia gozou de boa recepção na Inglaterra onde, em 1973, já havia sido criada a revista *Oral History Review* e a *Oral History Society*. Em 1978, a publicação de *The Voice of Past*, de Paul Thompson, reforçou a função da história oral de devolver a história do povo, concebendo-a como uma contra-história a realizar uma inversão radical nos métodos e objetos aceitos. Mesmo em meio a um clima de insegurança, com os estudos de Thompson a história oral estendeu-se praticamente por toda a Europa e é neste contexto que, em 1975, no XIV Congresso Internacional de Ciências Históricas em São Francisco, Estados Unidos, foi organizada a mesa-redonda: “História Oral: uma nova metodologia para a pesquisa histórica”, iniciativa que significou um importante marco à medida que enfatizou a inevitabilidade da aceitação da história oral. Em 1976, realizou-se em Bolonha, na Itália, a I Conferência Internacional de História Oral, intitulada “Antropologia e História: fontes orais”. Esses dois eventos são considerados como inauguradores de um novo momento para a história oral, marcado pela criação da primeira rede institucionalizada de pesquisadores de diferentes países a trabalharem com história oral. Nos anos seguintes, pesquisadores europeus e norte-americanos começaram a organizar conferências para discussão de suas pesquisas, propiciando assim um espaço para

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

7

reflexões acerca de questões metodológicas referentes à história oral. (FERREIRA, 2007).

Quanto à emergência da história oral no Brasil, podemos afirmar que data da década de 1970, no contexto do fim do regime militar e do incremento das lutas por liberdade de imprensa, pela anistia e pelo exercício pleno dos direitos do cidadão. Em termos historiográficos, muitos cientistas sociais brasileiros viviam um momento em que buscavam outras formas de tratar e analisar seus objetos de investigação que não se aproximassem do estruturalismo e dos métodos quantitativos. Ao mesmo tempo, ampliava-se a influência de historiadores que remetiam à problemática da microhistória, insatisfeitos com as grandes explicações macrohistóricas. Porém, foi somente a partir de 1990, aproximadamente, que a história oral começou a gozar de um reconhecimento mais significativo, quando a crítica à predominância do documento escrito como fonte exclusiva uniu-se ao impulso da História Cultural, que, em estreito diálogo com a Antropologia Cultural, intensificou o uso de fontes que primavam pelas dimensões qualitativas das experiências históricas, buscando assim a incorporação das vivências individuais na historiografia e fazendo com que o depoimento oral passasse a desfrutar de centralidade em diversos trabalhos acadêmicos. (MACHADO; MONTENEGRO; NETO, 2007).

Tal panorama pode ser comprovado pelo aumento de seminários temáticos na década de 1990- muitos desses de caráter internacional, propiciando um profícuo contato entre pesquisadores de diferentes nacionalidades- e pelo surgimento de cursos cujas discussões contemplavam a história oral, incorporados pelos programas de pós-graduação em História. Em 1994, foi criada a Associação Brasileira de História Oral, cujo Boletim incentivou a discussão entre praticantes da história oral por todo o país. Entre as décadas de 1980 e 1990, houve uma mudança significativa quanto à procedência dos pesquisadores que trabalhavam com história oral: enquanto que na primeira década a maioria advinha das ciências sociais, na segunda, predominaram os historiadores. Quanto aos temas abordados pelos praticantes da história oral, pode-se dizer que, inicialmente, a maioria dos estudos concentrava-se nas classes populares, havendo, na sequência, uma abertura ao estudo de temas como movimentos intelectuais, militares e institucionais. Por fim, o interesse dos pesquisadores parece novamente ter se voltado a temas relacionados à cultura popular, retomando assim uma antiga característica da história oral. Atualmente, a história oral no Brasil desfruta de um momento muito positivo, devido ao constante aumento de seus adeptos e pelo fato de poucas áreas esclarecem melhor do que ela a indissociável relação entre pesquisa empírica de campo e reflexão teórico-metodológica. (FERREIRA; AMADO, 2006).

Quanto ao conceito de história oral, Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira (2006) afirmam que podemos resumir em três as principais concepções de história oral: A primeira percebe a história oral

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

8

como uma técnica, a segunda como uma disciplina e a terceira como uma metodologia. Aos que concebem a história oral como técnica, interessam os procedimentos de gravação, transcrição e conservação de entrevistas, bem como o aparato material necessário para tais procedimentos. Geralmente são pessoas intimamente ligadas à constituição e conservação dos acervos orais. Já os que reivindicam para a história oral o status de disciplina, o fazem com base no argumento de que a história oral inaugurou técnicas de pesquisa, procedimentos metodológicos e um conjunto de conceitos próprios, devendo, dessa forma, ser considerada uma disciplina.

Diante dessa segunda concepção de história oral, cabe aqui mencionar, em linhas gerais, quais seriam então os pressupostos por ela defendidos, relacionando-os, com o objeto de estudo desta pesquisa. Primeiramente, há que se levar em conta o fato de que o testemunho oral pode representar o núcleo da investigação e não apenas parte acessória, como era percebido na maioria das pesquisas históricas anteriores a emergência da história oral. Dessa forma, exige-se do historiador que leve em conta perspectivas nem sempre consideradas em outros trabalhos históricos, a citar, as relações entre escrita e oralidade e entre memória e história. Tal pressuposto demonstra a possibilidade de desenvolvimento de pesquisas históricas embasadas, se não unicamente, majoritariamente em fontes orais, situação em que se enquadra a presente pesquisa. Também é indispensável a percepção de que o uso do testemunho possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que possivelmente não viriam à tona de outra forma, como os depoimentos de pessoas marginalizadas e as histórias de movimentos sociais populares, por exemplo. (FERREIRA; AMADO: 2006).

Segundo Paul Thompson (1992), por meio dessa metodologia, a comunidade pode e deve merecer confiança ao escrever a sua história, pois, em uma amplitude muito maior do que a maioria das fontes, as narrativas orais possibilitam o acesso a múltiplos pontos de vista. Além disso, Ecléa Bosi (2003) afirma que a história que se baseia apenas em documentos oficiais, não é capaz de contemplar as paixões individuais que se escondem nos bastidores dos episódios. Essa afirmativa remete ao estudo das religiosidades- onde se encaixa a crença em Dona Nilda Benzedeira e em sua festa a São Cosme e Damião- pois, à medida que as religiosidades não são determinações de nenhuma instituição religiosa, por muito tempo, não foram consideradas pela História como dignas de estudo.

De acordo com Ferreira e Amado (2006), outro fator a ser considerado é o de que, na história oral, existe a construção de documentos- as entrevistas- que são o produto do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo, fazendo com que o historiador mantenha distância de interpretações baseadas em rígidas separações entre sujeito e objeto de pesquisa e procure outros

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

9

caminhos de interpretação, dentre os quais, as já mencionadas relações entre escrita e oralidade e entre memória e história, que são centrais na presente pesquisa. Também é de extrema importância comentar que a pesquisa com fontes orais é baseada em pontos de vista individuais expressos através de narrativas que são legitimadas como fontes- seja pelo valor informativo ou pelo valor simbólico- e incorporam elementos não tão presentes em outras práticas de pesquisa histórica, como a subjetividade⁷ e as emoções, ambos extremamente importantes para o desenvolvimento de determinadas análises, como é o caso das narrativas orais acerca da crença em Dona Nilda Benzedeira e em sua festa a São Cosme e Damião. Giovanni Levi (2006) afirma que ao se estudar uma história de vida – no caso do presente trabalho, a de Dona Nilda- é possível perceber a liberdade de que gozam os agentes históricos e como funcionam de fato os sistemas normativos que nunca estão isentos de contradições, os quais possuem incoerências que permitem a diversificação das práticas. Exemplificaremos tal possibilidade através da análise de dois trechos de entrevistas por nós realizadas: com Dona Nilda Benzedeira e com o ex-pároco da cidade de Matinhos, Mansueto Pontarolo, respectivamente:

ALINE: Quando as pessoas procuram a senhora aqui para os benzimentos, qual é a maior queixa?
 NILDA: É com criança, enfermidade, briga entre os casais que hoje em dia brigam muito por causa da vida né. A vida tá muito ruim [risos].
 ALINE: As pessoas que vêm aqui são de qual religião?
 NILDA: Tem de todas as religiões. Saravá, espiritismo, católica, ateu.
 ALINE: A senhora já benzeu evangélico?
 NILDA: Já. Há muito tempo. Agora faz tempinho que não tem, mas já benzi criança. Deu vertigem de bicha e eles correram aqui. Eles não gostam. Eu tenho uma nora que é evangélica, mas ela não me discrimina. Os evangélicos vêm muito me fazer oração, sem eu pedir. “Deus mandou eu aqui.”. Eu digo “entre e esteja à vontade”. Entraram, tocaram violão, me benzeram, pediram licença e eu deixei, pois é a palavra de Deus. Eu já fui na igreja deles.
 ALINE: E essa mãe evangélica que veio há muito tempo atrás... ela falou para a senhora que era evangélica?
 NILDA: Eu já sabia, ela congregava na mesma igreja da minha cunhada. Veio benzer a criança só que pediu que eu não contasse para os irmãos dela [risos]. (SILVA, 2013: 04).

ALINE: A Igreja Católica, como qualquer outra, tem uma série de mandamentos, preceitos, normas, digamos assim. Não sei se eu estou usando o termo certo.
 MANSUETO: Vamos até corrigir, vou te mostrar, não é nem mandamento, nem preceito. É o chamado Código de Direito Canônico. O código civil tem muita coisa que é inspirada no direito romano. O Código de Direito Canônico é todo ele inspirado no direito romano. E o código civil que os advogados usam tem muita coisa que é copiada daqui, por causa das expressões romanas em latim.
 ALINE: Então vamos lá. Dentro deste Código de Direito Canônico, como que é vista a questão da religiosidade popular que o brasileiro tanto pratica? A Igreja Católica aceita isto ou não?
 MANSUETO: Como doutrina, a princípio não. Mas aí o Código Canônico diz assim: a Conferência Episcopal Brasileira, a CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, pode determinar como será em cada região, uma vez que o Brasil é um país muito grande. Tem dioceses que certas coisas são

⁷⁰ O conceito de subjetividade que nos acompanha em nossa pesquisa é o de uma subjetividade advinda de um processo de construção coletiva, sobre o que discorrem Félix Guattari e Suely Rolnik: “Aquilo que se convencionou chamar de 'trabalhador social'- jornalistas, psicólogos de todo tipo, assistentes sociais, educadores, animadores, gente que desenvolve qualquer tipo de trabalho pedagógico ou cultural em comunidades de periferia, em conjuntos habitacionais etc. - atua de alguma maneira na produção de subjetividade. Mas, também, quem não trabalha na produção social de subjetividade? Não vejo inconveniente nisso, mesmo porque é inevitável nesta altura dos acontecimentos.” GUATTARI; ROLNIK, 1986: 29).

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

10

permitidas e em outras não. Por exemplo, a Bahia, o lugar que tem mais sincretismo religioso é na Bahia. Então você tem que certas coisas ceder, como é que você não vai deixar as mães de santo lavar as escadarias do Bonfim? Dá uma guerra. Então tem certas coisas que tem que permitir e até sair junto na foto, entende? Se um bispo um dia disser que não, ta feita a briga. Então por causa do histórico dos escravos, aquela coisa toda que veio, né, então a Igreja tem que muitas vezes ceder certas coisas. Isso não quer dizer que a Igreja comunga da ideia, mas acaba cedendo para evitar conflitos. No sul do Brasil, por exemplo, devido à forte colonização européia, não se aceita muito dança na missa, já lá na África, é aceito, pois a dança faz parte da cultura deles! A liturgia tem uma mobilidade muito grande, dependendo de cada cultura. Ela respeita a cultura e se adapta. Então o Código de Direito Canônico é para dizer até onde pode e até onde não pode ir. O objetivo principal é o anúncio de Jesus Cristo e cuidar com a idolatria. Então dentro do que for possível, preservando a imagem de Jesus e não se misturando com a idolatria, pode permitir. ALINE: Agora especificamente sobre as benzedeadas. Dentro da doutrina católica, elas podem benzer? É permitido? MANSUETO: Não deveria. Poder pode porque você não tem como impedir. Você não tem como proibir o católico que está com o filho doente de repente de ir lá. Você não tem nem acesso, quando vê já foi. Agora, a grande pergunta é: o que a benzedeadada sabe? Eu fiz um curso de parapsicologia com o padre Quevedo e a questão é que muitos padres deixam quieto porque a benzedeadada funciona muito no psicológico, no sentido da auto-sugestão, que é a própria razão e talvez nem a benzedeadada saiba [risos]. Você ta fazendo um curso com muito afinco, com muito estudo, mas qual é o curso que uma benzedeadada tem? (PONTAROLO, 2013: 2-3).

A evidência de que evangélicos recorrem “às escuras” às práticas de Dona Nilda -ainda que sua religião não concorde com isso- é algo que dificilmente viria à tona através de fontes ditas “oficiais”, provenientes da instituição religiosa à qual pertencem esses evangélicos, por exemplo. Estamos cientes de que a narrativa de Dona Nilda não deve ser tida como “verdade absoluta” no que toca as informações por ela levantadas, no entanto, sua narrativa além de possuir grande valor simbólico, atenta para a possibilidade- até mesmo necessidade- de investigarmos a participação evangélica na crença e festa em questão.

Análise semelhante pode ser feita do trecho da entrevista realizada com Mansueto, ex-pároco de Matinhos. Se buscássemos informações em fontes escritas da igreja católica- como o Código de Direito Canônico, por exemplo- a informação que obteríamos seria a de que, como doutrina, a igreja não permite aos fieis participarem de práticas como as de Dona Nilda Benzedeadada. No entanto, as palavras da pessoa que representa essa instituição na cidade- o padre- evidenciam que, na prática, as coisas não funcionam exatamente assim. Tal exemplo demonstra a liberdade de que gozam os indivíduos na contemporaneidade, ainda que imersos em sistemas normativos, visto que esses sistemas não estão livres de contradições. A narrativa do padre permite percebermos que essa suposta liberdade atinge tanto os fieis como os membros da igreja: Mansueto diz ter feito um curso de parapsicologia⁸ com o padre espanhol Óscar González-Quevedo- o famoso Padre Quevedo- e é através das considerações dessa ciência que ele

⁸A parapsicologia é uma ciência que surgiu em meados do século XIX em meio ao advento do movimento espiritualista. Essa ciência buscou conferir uma abordagem estritamente científica aos fenômenos sobrenaturais, a despeito de outras abordagens que mesclavam ciência e religião. (SILVA, 1997).

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

11

procura explicar a crença em Dona Nilda Benzedeira. A ciência que é tão refutada pela igreja, acabou sendo utilizada por um de seus representantes para a explicação de fenômenos relacionados à espiritualidade.

Todas as entrevistas por nós realizadas atentaram, de diferentes maneiras, para a importância da valorização de outras linguagens além da oral no momento da análise do testemunho. No decorrer da entrevista realizada com Dona Nilda Benzedeira, por exemplo, houve um momento em que a mesma cedeu informações de caráter confidencial, íntimo, solicitando que tal confidência não fosse divulgada. Esse momento da entrevista foi permeado por silêncios por parte da benzedeira diante de certas perguntas dirigidas a ela, atentando assim para o fato de que, ao analisarmos uma narrativa, é indispensável estarmos cientes de que o narrador possui noção de que está falando para terceiros, de que sua narrativa não ficará restrita ao momento da entrevista. Ela sabe que a mesma será documentada, arquivada e posteriormente lida, o que pode vir a influenciar o conteúdo de sua narrativa e a se constituir como uma das fragilidades das fontes orais. No texto *A ilusão biográfica*, Pierre Bordieu (2006) tece importantes considerações acerca da narrativa proferida diante de terceiros, afirmando que:

[...] tudo leva a crer que as leis da biografia oficial tenderão a se impor muito além das situações oficiais, através dos pressupostos inconscientes da interrogação (como a preocupação com a cronologia e tudo que é inerente à representação da vida como história) e também através de situações de investigação que, segundo a distância objetiva entre o interrogador e o interrogado e segundo a capacidade do primeiro para “manipular” essa relação poderá variar desde essa forma doce de interrogatório oficial, que é, geralmente sem que o saiba o sociólogo, a investigação sociológica até a confidência – através, enfim, da representação mais ou menos consciente que o investigado fará da situação de investigação, em função de sua experiência direta ou mediata de situações equivalentes (entrevista de escritor célebre ou de político, situação de exames etc.), e que orientará todo o seu esforço de apresentação de si, ou melhor, de produção de si. (BORDIEU, 2006: 189).

Sendo assim, é indispensável ao pesquisador que se proponha a analisar histórias de vida, que esse possua a noção de que todo depoimento autobiográfico é uma reconstrução de si; através da qual “o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros” (POLLAK, 1989: 11). Essa noção é muito importante à análise de trechos como o da narrativa de Dona Nilda em que ela narra o momento em que teria “recebido” o dom de benzer:

Eu tinha doze anos e aí me deu uma doença, reumatismo. Daí o meu pai tinha ido buscar remédio num outro benzedor lá no Guajumira, me deixou muito mal, daí disse pro falecido Joanino: “ó compadre eu vim buscar um remédio aqui, mas a menina ta mal”, aí o Joanino disse: “não compadre, pode levar dose de homeopatia- que eles usavam naquela época- pra menina”. Quando o pai chegou eu tava sentadinha na boca do fogão, já bem melhor com o benzimento do falecido Joanino à distância. Nem tinha tomado o remédio. E daí chegou um rapaz com cobreiro na orelha, mas tava horrorosa a orelha dele! Aí queria que o pai benzesse. Eu disse: “O pai não ta em casa!” Daí eu escutei uma voz: “Vai você”. Daí eu peguei uma canequinha de esmalte azulzinha e tinha um corregozinho no quintal da casa, fui lá, cortei três brotinhos verdes e benzi. E no outro dia ele

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

12

veio bem bom. E fizemos seis e sarou. (SILVA, 2013: 02).

A narrativa de Dona Nilda se mostrou impregnada por noções relacionadas ao sobrenatural, ao sagrado. Seguindo a linha de pensamento de Bordieu, isso possivelmente aconteceu pelo fato de Dona Nilda saber que está falando para terceiros, de que está se apresentando a outros, e que, sendo ela uma benzedeira, precisa apresentar uma história de vida condizente com tal função, ou seja, realiza uma “produção de si”.

É importante salientarmos também que o pedido da benzedeira de que certas informações cedidas por ela ao longo de seu depoimento não fossem levadas a público remete a uma das mais importantes dimensões à qual a história oral está relacionada: a ética. No texto *Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na história oral*, o historiador oral Alessandro Portelli (1997) deixa claro que a história oral possui princípios éticos específicos além dos relacionados à posição de cidadão e de intelectual acadêmico. Tais princípios são inúmeros, porém, o respeito ao silêncio do entrevistado e aos seus pedidos de sigilo quanto a certas informações concedidas, é essencial ao historiador que se proponha a trabalhar com narrativas orais. Nas palavras de Portelli,

ouvir é uma palavra tão importante como aceitar, o que não significa pensarmos que os entrevistados sempre têm razão. Aceitar o fato de que podem estar enganados, aceitar os silêncios, aprender com estes. Trata-se do relato deles, daquilo que não sabemos. Os silêncios- ensinou-nos Luisa Passerini, há muito tempo- têm tanta importância quanto às palavras, em todas as formas de comunicação. [...]. Assim, acho que aquilo que deveríamos fazer é... quando me deparo com um muro, ou encontro sólida resistência, não interfiro, é melhor deixar como está, em minha opinião. (PORTELLI, 1997: 46).

Tal posicionamento de Portelli sugere que o respeito aos silêncios e aos possíveis pedidos de sigilo por parte do entrevistado, pode conduzir o historiador a um caminho muito mais profícuo no que toca à análise das narrativas obtidas, uma vez que um silêncio pode “falar” muito mais do que uma resposta proferida contra a vontade. Diante disso, fica evidente que uma atitude ética por parte do historiador oral, além de justa para com os entrevistados, se mostra benéfica à pesquisa histórica.

Ainda no que toca à construção narrativa por parte do entrevistado, é importante salientar a necessidade do mesmo de contar a sua história de vida de modo inteligível, ou seja, numa sequência lógica, dotada de começo, meio e fim. Quanto a isso, Bordieu (2006) menciona a expressão “ilusão biográfica”, referindo-se ao fato de que os depoimentos são construídos com a finalidade de fazerem sentido, ou seja, os acontecimentos da vida de determinada pessoa podem não ter acontecido necessariamente na sequência em que são relatados nos depoimentos, noção imprescindível historiador que almeje analisá-los. Tal situação se fez presente no momento da análise do produto da entrevista

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

13

realizada com Dona Nilda, pois, a narrativa que num primeiro momento parecia inteligível, ao ser analisada após a fase da transcrição, apresentou dados contraditórios, os quais tiveram que ser esclarecidos em entrevista posterior.

Por fim, há que se elucidar o fato de que a história do tempo presente é a perspectiva temporal por excelência da história oral, sendo legitimada como objeto de pesquisa e de reflexão histórica, afastando-se assim da premissa que defendia a necessidade de afastamento do historiador do seu objeto de estudo. (FERREIRA; AMADO, 2006). Acreditando nos benefícios da proximidade entre pesquisador e objeto de estudo, em todas as entrevistas a pesquisadora optou por manter mais uma conversa cordial do que um interrogatório formal, chegando a conversar inclusive sobre fatos de sua própria vida e a se posicionar quanto a certos assuntos, ainda que tomando o cuidado de não tentar aparentar uma igualdade que não existe, visto que é justamente a diferença, o desejo de tentar aprender algo com o outro, o que move uma conversa. A título de exemplificação, segue trecho de entrevista realizada com Wilma⁹:

ALINE: E qual que é a data de nascimento? WILMA: 24/10/58. ALINE: Esses dados é bom anotar... Ah! É o mesmo ano da minha mãe... WILMA: É? 57 anos... ALINE: É... o estado civil da senhora? WILMA: Casada e separada, vivendo há vinte e cinco anos agora.¹⁰ ALINE: Ah... Entendi... Ele é seu esposo... WILMA: Mais ainda do que meu esposo né... ALINE: Sim... WILMA: Que o meu casamento durou muito pouco tempo... ALINE: Aham. E daí hoje vivem como amigos no caso, isso?¹¹ WILMA: Sim. Sim. É porque, eu acho assim... ambas as partes tem que ser feliz né? ALINE: Com certeza! WILMA: Então... a gente tem que ser amigos. ALINE: Que bom que chegaram nesse consenso, né? (NALCQ, 2016: 01-02.).

Tal postura da entrevistadora, está em sintonia com a ideia de que o excesso de formalidade e burocracia outrora tão defendido pelos pesquisadores pode “aniquilar muitas das forças que têm mantido viva a história oral”, e, além disso, “por que devo eu esperar que outros me falem de sua vida se eu não me mostro disposto a contar algo a respeito da minha?” (PORTELLI, 1997: 15, 22).

Cabe aqui enfatizar também que, na perspectiva da história oral, a narrativa como forma de construção e organização do discurso é extremamente valorizada, uma vez que fontes orais são fontes narrativas. No entanto, é necessário atentarmos para o caráter ficcional das narrativas históricas- tanto do entrevistado como do entrevistador- o qual não é mais percebido como algo negativo, e sim, concebido no âmbito de perspectivas revolucionárias no que toca ao trabalho historiográfico. (FERREIRA; AMADO, 2006). Tal entendimento possibilita a realização de pesquisas historiográficas embasadas predominantemente em fontes orais, visto que desloca a intenção de busca pela “verdade absoluta” no

⁹ Responsável pelo terço e pela oração na Festa de São Cosme e Damião da Dona Nilda Benzedeira.

¹⁰ Wilma aponta para o senhor José Osniir S. de Paula que estava sentado no quintal da casa, indicando-o como seu esposo.

¹¹ A pesquisadora realizou essa pergunta pelo fato de a entrevistada ter dito que o senhor José Osniir S. de Paula é mais do que seu esposo.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

14

interior das narrativas orais para uma busca pelo significado das mesmas, posicionamento com o qual estamos em sintonia quanto à nossa forma de análise das narrativas orais que constituem o corpo de fontes da presente pesquisa. A fim de elucidar tal questão, propomos a análise de trechos das entrevistas realizadas com Dona Nilda Benzedeira e com Wilma, respectivamente:

ALINE: Mas então a senhora não lembra exatamente o dia em que chegou aqui... só o ano né? 1992... NILDA: O dia eu não lembro, só lembro que era uma Sexta- feira Santa. Todo mundo nas missas e eu descarregando mudança, sem ter onde morar, só uma “meia- aguinha” que a minha comadre tinha ali do outro lado. E eu lembro que ela me convidou: “Vamos morar em Matinhos, porque lá é muito bom”. Ela já morava aqui. (SILVA, 2013: 08).

ALINE: A Dona Nilda, a senhora conhece ela há quanto tempo? De conhecer... WILMA: Há muitos anos, nossa! Quando a Dona Nilda veio morar ali era uma casinha de madeira, nossa! A gente pegou conhecimento, então eu sou uma pessoa, não querendo ser mais do que ninguém, mas eu sou muito especial pra ela, porque se trata da festa, ela já fica pensando, às vezes eu não vou lá, espero ela me ligar, né, pra ver se ela me liga. A danada ela não me liga porque ela sabe que eu vou. Quando eu não vou, ela vem atrás de mim. ALINE: É... quando a senhora fala que conhece ela há bastante tempo, mas seria assim, desde os 1992, quando ela veio pra cá já ou demorou um tempinho assim? WILMA: Agora eu não to lembrada porque daí eu passei por essa cirurgia, muita coisa a gente esquece. ALINE: Não, é verdade. Data é difícil... pra todo mundo mesmo... a gente pergunta porque faz parte perguntar, mas é difícil né.... Bom, mas se a senhora mora aqui a 20 e poucos anos e ela também né... WILMA: É o tempo que a gente conhece, que a gente né, participa com ela. (NALCQ, 2016: 07, 08).

Se tivéssemos buscado na narrativa de Dona Nilda dados temporais exatos, por exemplo, certamente fracassaríamos em nosso objetivo, visto que não podemos excluir fatores relacionados ao processo de rememoração, como o esquecimento- intencional ou não- isso sem entrarmos em questões referentes às patologias da memória. Dona Nilda não lembra o dia exato em que chegou à cidade de Matinhos- o que é perfeitamente compreensível- porém, a referência à “sexta- feira santa”, evidenciando assim os referenciais religiosos da benzedeira, mostra-se muito mais profícua no que toca à problemática sobre a qual se debruça nossa pesquisa, do que um simples relatar de datas. O mesmo vale para Wilma, que não se lembra desde quando conhece Dona Nilda, porém, a afirmação da entrevistada de que se considera muito especial para a benzedeira, chegando a ser procurada pela mesma na ocasião da festa, mostra-se muito mais interessante a presente pesquisa, uma vez que conduz à questão da importância dos sentimentos na constituição da crença na benzedeira e na sua festa. Sendo assim, em ambas as narrativas identificamos o predomínio da significação sobre a pretensão de verdade absoluta.

Para citar outro exemplo, podemos evidenciar um trecho da entrevista realizada com José da Silva Neto – popularmente conhecido como Zézinho Silva- radialista na rádio comunitária Ativa FM:

ALINE: Você acredita no benzimento dela? JOSÉ: Acredito. ALINE: Você já acreditava antes dela? JOSÉ: Não... Eu já acreditava em benzimento. Eu sempre fui meio... Gosto de benzer, gosto de... eu gosto muito disso! Porque, na bíblia ta escrito né, que quando Jesus veio tinha muita gente aí que sofria com o mal né e Jesus também expulsava, liberava as pessoas, então, a Dona Nilda é

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

15

uma dessas que ela ajuda a expulsar o mal da pessoa, não cobra nada né, ela faz por dom e eu me acho tão bem, porque eu já tive lá na Dona Nilda me benzendo, a coitada chegava depois a tremer assim, porque passa pra ela né. O mal que ta na gente vem pra ela e depois desaparece. ALINE: Por que você procura a Dona Nilda para se benzer? JOSÉ: Você sabe que a gente aqui sofre muito né... Eu trabalho aqui voluntário. É um trabalho de ação social. Como diretor dessa rádio eu recebo R\$1.200 da associação desde o ano de 2009. Eu trabalho e não dá pra pagar as contas. O que me ajuda aqui é a comissão, porque eu vendo. Muita inveja. Muito mal olhado, “zóio gordo”, tem vez que eu to assim depressivo, chega lá ela vai benzer, pega aquela arruda e a arruda chega a murchar. Aí ela começa a abrir a boca, aquela soneira, tem vez que ela ajoelha no chão pra poder fazer as orações, é assim que funciona, então ela retira aquele mau-olhado da gente, porque você sabe né. Curitiba onde eu morei era favela. Lá precisava da Dona Nilda para acalantar o povo. ALINE: E hoje em dia você vai à igreja? JOSÉ: Vou. Vou à missa. Eu não vou dizer que vou todo domingo, mas vou quase todo domingo. Quando não vou domingo de manhã vou à tarde. Ou sábado. ALINE: E a igreja, ela permite que você vá à benzedeira? JOSÉ: Não, a igreja católica, inclusive nós temos aqui o padre Emerson, ele é contra. Ele é contra benzimento, contra você queimar um incenso, ele é contra você queimar uma vela. Mas ele não se mete com ela. Agora eu sou muito devoto. Eu quase todo dia tenho o meu santo. Ele fica bravo às vezes quando eu queimo um incenso aqui na rádio pra espantar o mau-olhado. Eu acho que o nosso papa Francisco vai mudar umas coisas aí na igreja católica. Precisa mudar. Antigamente tinha 90% de católico no Brasil. Agora estamos com 60%. (NETO, 2013: 4-5).

Não se trata de encarar como verdade absoluta as informações prestadas por Zézinho, e sim de analisá-las buscando perceber a forma como o radialista concebe questões referentes ao sagrado. Em suas palavras, fica evidente que ele concebe a dualidade entre o bem e o mal como parte integrante de sua religiosidade: o mau-olhado lançado sobre ele representaria as forças malignas, enquanto que a benzedura de Dona Nilda, representaria o bem, certamente vitorioso nesse combate. O fato de Zézinho se definir como católico praticante, mas fazer uso de práticas não necessariamente aceitas pela igreja católica e relacionadas às religiões afro-brasileiras e espírita- como a benzedura e o uso de incensos para afastar más energias, por exemplo- além de chamar a atenção para o sincretismo que caracteriza a religiosidade do radialista, atenta para as diferentes formas de relacionamento com o sagrado que emergiram junto à secularização. A menção de Zézinho a sentimentos como o de “depressão” também atenta para a importância de analisarmos o lugar dos sentimentos na crença em Dona Nilda Benzedeira e na festa por ela organizada.

Tanto os defensores da história oral como disciplina quanto os defensores da história oral como metodologia, aceitam como válidos os pressupostos acima comentados. A diferença entre eles reside no fato de que, enquanto os primeiros reconhecem na história oral uma área de estudos com objeto próprio e capacidade de geração de soluções teóricas para as questões surgidas na prática, os últimos afirmam que a história oral apenas estabelece e organiza procedimentos de trabalho, como agem todas as metodologias, funcionando como elo entre a teoria e a prática. Além disso, de acordo com este entendimento, a história oral é capaz apenas de levantar questões, jamais de solucioná-las, ficando isto a cargo da teoria da história

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

16

(FERREIRA; AMADO, 2006), sendo, portanto, essa a concepção de história oral que nos acompanha nesta pesquisa.¹²

FERREIRA E AMADO (2006) ressaltam também que o historiador que se dedica à análise de fontes orais pode contar com notáveis contribuições advindas de outras ciências, como a Sociologia e a Antropologia, sendo que, com a última, travamos intenso diálogo ao longo da análise das narrativas orais acerca da crença e festa em questão. Isso se deve ao fato de que, uma vez adeptos da história cultural, somos praticantes do que Peter Burke (2011) chamou de “história antropológica”. Para ele, assim como a Antropologia traduz os conceitos da cultura estudada para os da cultura de quem a estuda, a história cultural realiza uma tradução cultural da linguagem do passado para a do presente, objetivando tornar o passado inteligível, porém, cuidando para não cometer o erro de encarar o passado como um completo estranho, ou seja, evitando oposições binárias entre o Eu e o Outro e dedicando a devida atenção à construção de identidades e alteridades no campo cultural.¹³

3. Metodologia da história oral e memória: uma intensa relação

Como já mencionado, a metodologia de história oral possui íntima relação com a memória, o que faz com que a discussão acerca desse conceito possua lugar de destaque nesta dissertação. De acordo com Thompson (1992), a memória possui imenso valor por possibilitar o acesso a informações importantes e muitas vezes únicas sobre o passado. Num primeiro momento, ao mencionarmos a memória, pode-se haver a impressão de que a mesma está relacionada à esfera individual. No entanto, Maurice Halbwachs (1984) chamou a atenção para o fato de que o fenômeno da memória é algo construído coletivamente, estando constantemente submetido a mudanças em decorrência das relações intersubjetivas. Os fiéis a Dona Nilda narraram suas histórias, mas, ao narrá-las, adentraram também na história de outros, pois, “o relato pessoal pode assegurar a transmissão de uma experiência coletiva e constituir-se numa representação que espelha uma visão de mundo.” (AMADO, FERREIRA, 2006: 23). Sendo assim, tais narrativas não nos evidenciam dados referentes apenas à religião e a religiosidade dos entrevistados, mas sim, referentes ao contexto histórico-cultural em que esses estão inseridos.

Uma importante característica do processo de rememoração é que as lembranças muitas vezes vêm à tona de forma fragmentada e atemporal. Visando conferir certa ordem a essas lembranças, é

¹²Para mais informações sobre o papel e o *status* da história oral dentro da pesquisa histórica ver: FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.). *Usos e abusos da história oral*. 7 Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 03-13.

¹³A presente pesquisa dialogou com alguns conceitos e noções advindos da sociologia e da antropologia, como sincretismo, hibridismo, trânsito religioso, rito, festa, dentre outros.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

17

comum a utilização dos três elementos nomeados por Pollak (1992) como constitutivos da memória individual ou coletiva: os acontecimentos, as personagens que fizeram parte desses acontecimentos e os lugares. Uma das questões que nos inquietava estava relacionada a certa precaução quanto à realização de entrevistas com indivíduos que não necessariamente mantivessem contato com Dona Nilda Benzedeira, e, conseqüentemente, com a festa a São Cosme e Damião por ela realizada. Tais inquietações foram amenizadas diante de uma explanação de Pollak (1992) sobre o assunto, na qual atesta que os acontecimentos em análise podem ou não terem sido vivenciados pelos entrevistados, interessando primordialmente perceber como eles permaneceram no imaginário. Alicerçados então por essa premissa, realizamos duas entrevistas com pessoas que não conheciam a benzedeira pessoalmente - Lucilene Rodrigues, presidente da Associação Espírita de Matinhos e Antônio Carlos Nascimento dos Santos, pastor evangélico da Comunidade Ágape de Matinhos - as quais, se não figuram como essenciais à análise da problemática em questão, complementam consideravelmente nosso corpo de fontes, contribuindo para o desenvolvimento da presente pesquisa. Seguem trechos das entrevistas realizadas com Lucilene e Antônio, respectivamente:

ALINE: Você conhece a Dona Nilda? LUCILENE: Aquela vez da maçonaria eu vi a Dona Nilda, aí alguém me disse “Nossa, a Dona Nilda! Ela é benzedeira, uma pessoa muito do bem”. E muitas pessoas levam as crianças pra ela benzer, que ela faz remédios e tal, então eu conheço de nome, assim... pessoalmente não. No espiritismo, tudo o que é em benefício de alguém, se ela está trabalhando no bem, principalmente... uma coisa que a gente avalia muito é se não cobra; se você cobrar você deixa de ter o seu valor. O dom é uma coisa que não é teu. Você recebeu de graça, você tem que doar de graça. Essa pessoa que faz o bem ela ta doando amor e a partir da hora que ela ta doando amor ela ta doando o que é de Deus. Assim como devem existir as pessoas que tem essa faculdade que usam para o mal também. Uma benzedeira trabalha com a espiritualidade. Se todas as pessoas que trabalham com espiritualidade trabalhassem no bem, as pessoas não teriam tanto preconceito contra o espiritismo. (RODRIGUES, 2013: 07-08).

ALINE: O senhor disse que não conhece a Dona Nilda, mas que já ouviu falar... ANTÔNIO: Eu estava num hospital. Acho que eu fui lá marcar uma consulta. Aí eu vi aquelas senhoras ali falando e fiquei prestando atenção porque a Dona Nilda Benzedeira e piriri e pororó e eu só ouvi... aí perguntei “Quem é essa Dona Nilda?”. “É uma benzedeira que mora aqui no Tabuleiro e assim, assim. O senhor conhece?” Eu disse: “Não, nunca vi.”. E o papo terminou ali. Quando alguém da igreja me diz “Olha pastor, fulano ta indo lá na benzedeira”, eu não vou brigar não. Eu vou procurar esse irmão e dizer “Por que você está lindo lá? O que te moveu a ir lá? Você não está aqui na igreja? Não ta recebendo o ensinamento, Deus não falou contigo? Você não viu que na bíblia é assim, assim, assim?”. E o máximo que eu vou fazer é aconselhá-lo que não faça mais e vamos orar juntos para que ele mude de ideia. Agora... se ele quiser continuar, a igreja é democrática. Jesus nunca discriminou ninguém. Que autoridade tenho eu de dizer você não pode, você não vai à benzedeira. (SANTOS, 2013: 06).

Ambos os trechos das entrevistas deixam claro que, mesmo não conhecendo Dona Nilda Benzedeira, a análise das narrativas de Lucilene e Antônio é pertinente ao desenvolvimento da pesquisa

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

18

em questão, visto que evidenciam a forma como um e outro concebem questões concernentes à religião e/ou à religiosidade na atualidade, possibilitando também que percebamos, através desses atores, a forma como diferentes tradições religiosas posicionam-se acerca da prática do benzimento: No espiritismo, não há condenação ao ato de benzer e nem a ninguém relacionado a ele; desde que não se esteja cobrando, trata-se de um dom oferecido por Deus como tantos outros. Já no meio evangélico, identificamos a reprovação de tais práticas, ainda que haja a evidência de que evangélicos recorram a tal prática. Não podemos excluir o fato de que, em se tratando de líderes religiosos, é possível que suas narrativas sejam de certa forma “engessadas”; condicionadas pela posição que os narradores ocupam, porém, desde que estejamos cientes disso ao analisá-las, tais narrativas permanecem dignas de consideração. Assim como a proferida por Zézinho, as narrativas de Lucilene e Antônio também evidenciam a autonomia religiosa de que desfrutam os indivíduos na contemporaneidade.

Outra e não menos importante característica da memória diz respeito ao seu caráter seletivo, ou seja, nem tudo fica guardado na memória. Segundo Pollak (1992), a memória se dá em função da ocasião em que é articulada e expressa. Portelli (1993) também se atém a essa questão, salientando que uma das mais relevantes características da memória é que ela não é um depósito de acontecimentos, mas um processo contínuo de criação e recriação de sentidos, e, sendo assim, revela como o narrador, ao produzir um relato memorialístico, constrói um sentido tanto para o passado como para sua vida no presente. É com base nesse argumento que nossa problemática da pesquisa está centrada no presente; na forma como os indivíduos - ao narrarem as experiências vivenciadas através das práticas de Dona Nilda e da festa por ela organizada - constroem suas relações com a religião e a religiosidade no momento atual. Não há uma verdade a ser alcançada e sim, um processo de construção e/ou desconstrução de sentidos e significados.¹⁴

É comum e até certo ponto compreensível, a ideia de fragilidade vinculada aos testemunhos orais. Tal ideia se justifica pelo receio de que esses testemunhos fossem encarados como relatos do acontecido, culminando em um relativismo total da representação historiográfica. Mesmo em face disso, Pollak sai em defesa das fontes orais, afirmando que:

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. (POLLAK, 1992: 207).

Uma vez compreendido isso, a historiografia só tende a enriquecer, visto que o uso da

¹⁴Para maiores informações acerca do processo “memória” ver: CANDAU, Jöel. *Antropologia da memória*. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2005; _____, *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

19

metodologia de história oral possibilita a multiplicação dos objetos de pesquisa histórica, multiplicação essa que exige uma sensibilidade ainda mais apurada por parte do historiador na ocasião da crítica das fontes. Diante desse compromisso, Pollak (1992) recomenda certa cautela quanto ao número de entrevistas a serem realizadas para o desenvolvimento de determinado estudo. Quanto a essa questão, optamos pela realização de entrevistas em rede, ou seja, um entrevistado indicou outro entrevistado, até que se chegou ao ponto de saturação, ou seja, momento em que foram produzidas várias entrevistas, com diferentes sujeitos, mas os elementos levantados pelas narrativas começaram a se repetir constantemente. No entanto, procuramos levar em consideração o alerta acima comentado no que toca à quantidade de entrevistas, visando assim uma crítica primorosa acerca das mesmas e, embora tenhamos selecionado os entrevistados de acordo com sugestões, nos permitimos quebrar a rede de entrevistas buscando opiniões divergentes, certos de que a análise das divergências entre as narrativas só tende a enriquecer a presente pesquisa.

Pollak (1992) também chama a atenção para dois tipos de elementos que podem aparecer ao longo das narrativas: os elementos muito sólidos (que aparecem constantemente na fala do entrevistado) e os elementos muito fluidos (que mudam facilmente). Segundo ele, esses elementos são potenciais indicadores do que há de mais verdadeiro ou mais falso nas narrativas, enfatizando que o mais relevante das narrativas, provavelmente será encontrado no intervalo entre um pólo e outro. Isso nos alerta para a necessidade de, em alguns casos, realizarmos mais de uma entrevista com a mesma pessoa, objetivando assim melhor uma melhor análise desses pontos marcados por intensa solidez, ou fluidez. Como mencionamos anteriormente, tal situação ocorreu com Dona Nilda Benzedeira, a qual precisou ser contatada uma segunda vez para esclarecimento de certas informações por ela concedidas na entrevista.

Embora não se atenha exclusivamente a fontes orais, Paul Ricoeur é outro grande defensor da utilização de testemunhos em pesquisas históricas, posicionamento que se mostra bastante evidente na seguinte passagem de sua obra *A memória, a história, o esquecimento*:

Será preciso, contudo, não esquecer que tudo tem início não nos arquivos, mas com o testemunho, e que, apesar da carência principal de confiabilidade do testemunho, não temos nada melhor que o testemunho, em última análise, para assegurar-nos de que algo aconteceu, a que alguém atesta ter assistido pessoalmente, e que o principal, se não às vezes o único recurso, além de outros tipos de documentação, continua a ser o confronto entre testemunhos. (RICOEUR, 2007: 156).

Além disso, Ricoeur (2007) chama a atenção para o fato de que, ao chegar ao arquivo – esse entendido tanto como um lugar físico como simbólico- o historiador deve o fazer munido de perguntas, pois são essas, ou seja, os “problemas” a serem resolvidos é que definirão quais fontes deverão ser consultadas, e não o contrário. Dessa forma, “o documento não está simplesmente dado, como a ideia de

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

20

rastrado deixado poderia sugerir. Ele é procurado e encontrado. Bem mais que isso, ele é circunscrito, e nesse sentido constituído, instituído documento, pelo questionamento.” (RICOEUR, 2007: 189). Assim sendo, dependendo da problemática em questão, as fontes orais serão o mais importante e por vezes único meio de se encontrar as respostas, como no caso da presente pesquisa.

Ricoeur (2007) também nos ressalta os benefícios e malefícios do registro escrito dos acontecimentos, trazidos à tona em decorrência do processo mnemônico, ou seja, realiza uma reflexão sobre a escrita da história. Quanto aos benefícios, o autor apresenta essa escrita como um antídoto contra o esquecimento, visto que este, em certas situações, pode ser perigoso. Assim é o caso do esquecimento das experiências extremas vivenciadas por indivíduos, em decorrência da implantação de regimes políticos ditatoriais e totalitários, por exemplo. Nesse caso, esquecer- além de injusto com as vítimas- pode conduzir a experiências que, na evidente impossibilidade de serem iguais, podem ser tão trágicas e lamentáveis quanto. Já no que toca aos malefícios da escrita da história, Ricoeur atenta para a impossibilidade de o registro escrito representar as experiências vividas em sua totalidade. Ao realizarmos o registro escrito de um acontecimento, podemos até fazê-lo com considerável precisão, no entanto, sempre haverá uma parte inapreensível, uma parte que só aqueles que vivenciaram a situação estariam habilitados a escrever sobre e, muitas vezes, nem esses, visto que certas experiências não são passíveis de representação como a experiência extrema da prisão em campos de concentração nazistas, por exemplo. Evidentemente, não precisamos nos ater apenas à experiências limites como a mencionada. As experiências vividas pelos indivíduos nas esferas da religião e da religiosidade também são complexas de serem apreendidas.

Nesta mesma linha de pensamento, é indispensável atermo-nos também ao papel do interlocutor, em face “do trabalho interminável de contextualização e recontextualização em que consiste a leitura” (RICOEUR, 1997: 153-154), ou seja, assim como o historiador é condicionado pelo presente, o leitor também o é e, certamente, as emoções sentidas por ambos ao longo do processo da escrita e da leitura sobre determinada experiência histórica, não são as mesmas emoções daqueles que vivenciaram essa experiência.

Ricoeur (1997) também se dedica à discussão sobre a fase documental, ou seja, discorre sobre o processo de arquivamento da memória, tecendo algumas considerações acerca do “espaço”, o qual, podendo ser entendido como espaço vivido, espaço geométrico ou ainda espaço habitado e se constitui como uma das possíveis marcas exteriores usadas como apoio para o trabalho da memória. Tendo o próprio corpo como referência, ao evocar, o indivíduo o faz envolvendo algum marco espacial, como

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

explica o autor:

A declaração explícita da testemunha, cujo perfil será abordado mais adiante, é bem expressiva: “Eu estava lá”. O imperfeito gramatical marca o tempo, ao passo que o advérbio marca o espaço. É em conjunto que o aqui e o lá do espaço vivido da percepção e da ação e o antes do tempo vivido da memória se reencontram enquadrados em um sistema de lugares e datas do qual é eliminada a referência ao aqui e ao agora da experiência viva. (RICOEUR, 1997: 156).

Assim como essa citação já denuncia, o “tempo” se constitui como outro item essencial no que toca ao trabalho de memória, podendo assumir, segundo Ricoeur (1997), a forma de tempo vivido, tempo cósmico ou tempo histórico, este trabalhado com maior afinco pelo autor, que, em síntese, conclui que a operação historiográfica é proveniente de duas reduções: a da experiência viva da memória e a da especulação sobre a ordem do tempo. Dessa forma, fica evidente a impossibilidade de produzirmos historiografia sem periodização, pois, dentre outras razões, se o fizéssemos, estaríamos retirando da história todo um horizonte de futuro, de expectativas.

Saltando das condições formais para o processo efetivo da operação historiográfica, nos debruçamos sobre o testemunho, conceituando-o como “uma narrativa autobiográfica autenticada de um acontecimento passado, seja essa narrativa realizada em condições formais ou informais” (RICOEUR, 1997: 172) e ressaltando que é a testemunha que se declara como tal, geralmente fazendo uso de expressões bastante corriqueiras no que toca à testemunhos, como, por exemplo, “eu estava lá”. No entanto, uma das questões cruciais quanto ao testemunho diz respeito à credibilidade que lhe pode ser atribuída. A desconfiança quanto à veracidade do testemunho teve início no âmbito da psicologia judiciária e, em decorrência disso, o “eu estava lá” deixou de ser suficiente, passando então a vir acompanhado do “acreditem em mim”, como nos explica Ricoeur:

a autenticação do testemunho só será completa após a resposta em eco daquele que recebe o testemunho e o aceita; o testemunho, a partir desse instante, não está apenas autenticado. Ele está acreditado. É o credenciamento enquanto processo em curso, que abre a alternativa da qual partimos entre a confiança e a suspeita. (RICOEUR, 1997: 173).

Para que tal credenciamento aconteça, algumas características do depoente geralmente são levadas em consideração, como méritos pessoais ou posturas tomadas diante de experiências passadas, por exemplo; no entanto, a possibilidade de suspeita tende a propiciar o confronto entre testemunhos, se constitui como a crítica aos mesmos e evidencia o caráter público dessa operação, visto que além do “eu estava lá” e do “acreditem em mim”, ainda pode surgir o “se não acredita em mim, pergunte a fulano de tal”. (RICOEUR, 1997: 173). Tal situação foi recorrente nas narrativas a nós concedidas, como por exemplo, no trecho da narrativa proferida por Dona Nilda Benzedeira, em que quatro pessoas da cidade

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

22

foram citadas, oferecendo assim uma possibilidade de confirmação das informações prestadas pela benzedeira, caso desejássemos:

ALINE: A senhora não cobra nada pelos benzimentos né... Nunca cobrou? NILDA: Não. Nunca cobrei. Mas o povo me ajuda. Um me dá alimentação, outro me dá uns trocadinhos, outro me dá um sapato, outro me dá um chinelo, outro me dá um casaquinho, mas em nome de Jesus não é cobrado. Deus o livre. ALINE: E o que mais a senhora ganha fora bens materiais? Cartas? Cartões de agradecimento? NILDA: Ganho, ganho. Me convidam pra tudo quanto é festa. Agora eu recebi um quadro bonito dos maçons. E fui pra maçonaria. Mas é muito lindo os maçons. Eles me deram sobre a benzedeira, que diz que eu ajudo muito o povo de Matinhos. Nós fizemos lá no SESC a festa. ALINE: Eu fiquei sabendo desta homenagem, mas me disseram que era no Rotary... NILDA: No Rotary eu fui também, mas eu não ganhei. Quem ganhou no Rotary foi o **Zézinho** da rádio. [...] ALINE: Eu já sei que a senhora saiu no jornal... NILDA: Sim, já apareci na televisão. Duas vezes eu passei. Da RIC. Foi esse ano ou foi ano passado. Foi lá no quartinho. Eu benzendo um e o outro filmando. O da Maçonaria foi o **Leco** da prefeitura que veio me trazer o convite. Chorei tanto no dia que recebi porque foi tão homenageado. Diziam pra mim tanta coisa, que tinha que “furar dedo”, mas nada disso... é mentira! São carinhosos, rezaram o Pai Nosso antes de entregar os quadros e cantaram o hino nacional e daí eles todos com a farda dos maçons e com uma espada e os outros passavam por baixo e levavam lá para receber e depois teve um jantar maravilhoso no SESC preparado pelo **Gaúcho**. Fui só eu. Eu não sabia, então quem foi comigo foi a **Linda**, minha vizinha, eu convidei pra ir comigo. Tiramos fotos lá só que eu não tenho nenhuma. ALINE: E a palestra na UFPR - Litoral? NILDA: Eles faziam perguntas assim como você. Pra eu falar sobre ervas. Tinha eu de benzedeira, tinha uma da Ioga, uma parteira dos matos e uma senhora que anda pelo mundo inteiro, conhece tudo o quanto é erva. Mas é muito maravilhoso. Como eles tratam tão bem a gente, com carinho, os professores e os alunos, tudo. Nós entramos era sete e trinta e saímos quase onze da noite. Demorou bastante. (SILVA, 2013: 08-13).

Além de estar disposta a responder chamados possivelmente contraditórios, a testemunha passível de confiança é aquela que, salvo raras exceções, consegue manter o testemunho proferido mesmo com o passar do tempo. Essa possibilidade de estrutura estável faz do testemunho um fator de segurança em meio às relações sociais, o que acaba lhe conferindo um status institucional. Apesar do caráter supostamente “justo” do ato de testemunhar, cabe aqui chamarmos a atenção para o fato de que, devido às relações de poder e aos juízos de valor existentes nas sociedades, nem todas as pessoas são consideradas dignas de testemunharem e nem todos os testemunhos possuem o mesmo valor. Assim sendo, “há testemunhas que jamais encontraram a audiência capaz de escutá-las e entendê-las.” (RICOEUR, 1997: 174-175).

É com o arquivo que adentramos na escrita da operação historiográfica. Nos arquivos, o historiador desempenha o papel de leitor, algo que nos remete às figuras do detetive tentando desvendar o enigma, do médico em busca do seu diagnóstico ou mesmo do caçador à procura da caça, ambas mencionadas pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1989) em sua obra *Mitos, emblemas, sinais: Raízes de um paradigma indiciário. Morfologia e História*, em que discorre sobre o percurso do historiador pelos “rastros” que o conduzem à informação desejada. Importante mencionar aqui que esses rastros – ou simplesmente “pistas”- podem ser encontrados nos testemunhos, os quais muitas vezes não

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

23

oferecem informações prontas e sim indícios, cabendo ao historiador desbravá-los. (RICOEUR, 1997: 176-187.). A fim de comentarmos esta proposição, segue outro trecho da entrevista realizada com Wilma:

Legenda: (...) = Pausa para reflexão

ALINE: E a senhora frequenta mais alguma religião ou é a católica e de vez em quando a umbanda? WILMA: De vez em quando eu vou na umbanda, tomar um passe, porque é bom! Eu gosto, me sinto bem! Então eu acho que qualquer um gosta! Mesmo até... vou falar pra você... teve um ministro, não vou citar o nome, que teve no... ele sempre vai! Aí quando eles vê a gente assim que a gente vai passear, vai visitar né, aí fica sem graça e sai sabe. E um filho dele realmente é da umbanda. ALINE: Ah tá... e quando a senhora diz que vai, é sempre ali no da Dona Ivone ou tem outros lugares de umbanda aqui? WILMA: Não, não. To indo mais aqui em baixo na Rua Santa Maria. ALINE: Que é de quem? Quem que é no caso o pai ou mãe de santo? WILMA: Mãe Maria. Mãe Maria de Xangô. ALINE: É este que é o das segundas-feiras ou não? Porque falaram que tem um... WILMA: Não. Aquele lá é o da Nilce. Aquele lá não (...). JÉSSICA: É que a Mãe Maria trabalha mais com benzimento. WILMA: É a Mãe Maria trabalha muito com benzimento. JÉSSICA: Faz cinquenta anos que ela é mãe de santo. WILMA: Inclusive quem ajudou a fazer o parto do nenê foi a Preta Velha dela. Só que ela ganhou no hospital. Mas ela preparou lá. Aham. Ela preparou lá e ela já chegou ganhando a criança no hospital. (NALCQ; NALCQ: 2016: 06).

Num primeiro momento a pesquisadora poderia até ficar tentada a indagar quem é o ministro da igreja católica que elas sempre encontram no centro de umbanda que frequentam- até por que, ela pode estar inventando, não é?- ou então, indagar por que surgiu um silêncio após proferir um sonoro “aquele lá não”, referindo-se ao centro de umbanda “da Nilce”; ou ainda, questionar como é possível que o espírito de uma Preta Velha tenha realizado o parto de seu neto, filho de Jéssica. Mas será que estes questionamentos são importantes? Não seria “ético” apenas ouvir a narrativa de Wilma e interpretar suas referências ao sagrado e ao sobrenatural, por exemplo, como uma espécie de “construção de si” por ela realizada, visto que, devido à função que exerce na festa em questão, talvez seja interessante para ela relacionar elementos que envolvem o “transcendente” à sua pessoa, à sua vida, uma vez que possui a consciência de que está falando para terceiros, de que está se apresentando a alguém? Fantasiosa ou não, o fato é que a narrativa proposta por Wilma nos fornece claras evidências da prática de trânsito religioso por ela realizada, ao revelar que frequenta tanto a igreja católica como o centro de umbanda. A narrativa também aponta o caráter sincrético da religiosidade de Teleca à medida que, apesar de se definir como católica, acredita que uma Preta Velha- entidade pertencente à umbanda- auxiliou o parto de sua filha Jéssica.

Um dos mais importantes posicionamentos de Ricoeur (1997) no que toca à operação historiográfica está relacionado ao lugar da narratividade na arquitetura do saber histórico. Diante de duas possibilidades – a de que a narrativa não constitui uma solução alternativa à explicação/ compreensão e a de que a composição da intriga constitui um autêntico componente da operação historiográfica- o autor se

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

24

manifesta favorável à primeira, afirmando que a narração não substitui a explicação, embora não queira com isso condenar a narratividade a uma posição inferior, visto que lhe confere a importante função de conferir inteligibilidade à representação histórica. Além disso, o autor faz questão de enfatizar que, de tão importante, a narrativa não se dá sequencialmente à fase documental e à fase explicativa, e sim, contemporaneamente a elas.

Em sintonia com essa perspectiva, uma questão de considerável importância no que toca ao desenvolvimento do trabalho científico é a da sensibilidade do historiador. Assim como alguns historiadores são fascinados pelo arquivo – no sentido físico do termo- e sentem necessidade de tocar o documento, cheirá-lo, enfim, senti-lo próximo, outros historiadores chegam a esse mesmo êxtase através da realização de entrevistas; através do “cafezinho servido por aquela velha senhora que quase me chamou de filho” (POLLAK, 1992: 2012) ou, através da benzedeira perguntando depois do gravador ser desligado: “Quer benzer fia?” Independente do exemplo que se use, é certo que a sensibilidade do historiador se fará presente na escolha metodológica, bem como em todas as outras etapas da operação historiográfica.

No entanto, é importante que o historiador esteja ciente do limite de envolvimento que impreterivelmente deverá existir entre entrevistador e entrevistado. Mesmo diante do fascínio que a proximidade do objeto de estudo possa despertar, o historiador que se proponha a trabalhar com história oral precisa estar atento aos dilemas e armadilhas inerentes a essa metodologia. Cientes da complexidade do assunto e da impossibilidade de esgotá-lo, nos dispomos a discutir na sequência algumas das tantas situações que ocorrem ao longo do trabalho do historiador com narrativas orais.

De acordo com Thompson, existem algumas qualidades básicas que o pesquisador que se pretenda bem-sucedido na realização de entrevistas deve possuir. Dentre essas qualidades, destacam-se o respeito ao próximo como pessoa, o interesse pelo que esse tem a dizer e a flexibilidade nas reações diante desse dizer. É imprescindível que o entrevistador demonstre compreensão e em certos casos até mesmo simpatia pela opinião do entrevistado e que, acima de tudo, possua disposição para escutar. O pesquisador que não conseguir ouvir, nem resistir à tentação de discordar do informante, ou de lhe impor suas próprias ideias, poderá fazer com que este se retraia, ou então, no caso da obtenção de informações, essas poderão ser inúteis ou enganosas. No entanto, é importante ressaltarmos que tal postura por parte do entrevistador não deve ser considerada uma regra, visto que muitas vezes o ato de discordar do entrevistado pode ser profícuo à entrevista, pois a discordância pode estimulá-lo a expor com intensidade ainda maior o seu posicionamento sobre determinado assunto. Para decidir qual postura tomar, o historiador deverá, como

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

25

em tantas outras situações inerentes ao seu ofício, fazer uso de sua sensibilidade para decidir qual atitude cabe melhor em cada situação, lembrando sempre que “cada entrevista é importante, por ser diferente de todas as outras.” (PORTELLI, 1993: 17).

Outro pré-requisito para um bom desempenho ao longo das entrevistas está relacionado ao conhecimento prévio sobre o assunto a ser trabalhado. Conhecer aspectos gerais acerca da vida do entrevistado ou da temática em questão confere maior segurança ao entrevistador, possibilitando assim a elaboração adequada das perguntas a serem realizadas. É interessante mencionarmos que alguns entrevistados – os intelectuais, de forma especial- costumam testar o conhecimento do entrevistador sobre o assunto abordado. Apesar disso, Thompson (1992) alerta para o fato de que, muitas vezes, não saber “tudo” sobre o tema acaba sendo benéfico à entrevista, afinal, parece não haver muito sentido em uma entrevista em que o entrevistador saiba mais do que o entrevistado.

Thompson (1992) também alerta para a importância de considerarmos a disponibilidade do entrevistado. Algumas vezes, como já comentado acima, uma entrevista pode necessitar de outra entrevista, e nem sempre o entrevistado possui disposição para tanto. Alguns concedem apenas breves relatos, o que exige do entrevistador perguntas específicas e bem fundamentadas. Isso é comum no caso de entrevistas com personalidades públicas, como os políticos, por exemplo. No caso das entrevistas por nós realizadas para a presente pesquisa, tal situação ficou bastante evidente na ocasião da entrevista com a ex-primeira dama da cidade de Matinhos, atual candidata à prefeitura, Maria Aparecida Gregório dos Santos, que, confirmando tal observação, apesar de oferecer uma recepção acolhedora, foi a única dentre os entrevistados a estipular um tempo de duração para a entrevista.

Outro fator decisivo para uma boa entrevista é o domínio- ou pelo menos a aproximação- por parte do entrevistador de termos referentes ao “universo” em questão, o que demonstra interesse e respeito para com os entrevistados. No entanto, recomenda-se certa cautela quanto a isso, para que não seja passada a ideia de que o entrevistador deseja “imitar” o entrevistado, ou ainda “parecer como um deles”, o que, muitas vezes, por melhor que seja a intenção do entrevistador, pode fazer com que o entrevistado se sinta inferiorizado ou até mesmo afrontado, além de, em alguns casos, despertar falsas esperanças de contatos futuros com o entrevistador. (THOMPSON, 1992). Tal observação foi muito pertinente para o desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que trabalhamos com questões delicadas como as relacionadas à religião e à religiosidade.

No que toca à preparação para a entrevista, Thompson (1992) ressalta que a pré-elaboração das perguntas a serem realizadas é fundamental. Para tanto, recomenda o afastamento tanto de perguntas

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

26

muito fechadas- que possivelmente conduzirão a respostas também fechadas- como de perguntas muito abertas, que podem fazer com que a entrevista se afaste totalmente de seu objetivo inicial. Em síntese, recomenda que as entrevistas sejam guiadas através de poucas porém bem formuladas perguntas, ou seja, perguntas construídas especialmente para determinado entrevistado. No entanto, o Thompson que propõe essa espécie de “regra” para a elaboração das perguntas de uma entrevista, é o mesmo Thompson que argumenta que algumas problemáticas de pesquisa, serão melhor solucionadas através da análise de entrevistas praticamente livres. Em suas palavras,

o argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidências que valham por si mesmas, mas sim, fazer um registro “subjetivo” de como um homem- ou uma mulher- olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade ou em uma de suas partes. Exatamente o modo como fala sobre ela, como a ordena, o que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, é que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista; para esse fim, essas coisas se tornam o texto fundamental a ser estudado. (THOMPSON, 1992: 258).

Complementando a orientação para a formulação das perguntas, Thompson (1992) sugere ao entrevistador que se afaste de perguntas muito diretivas, pois essas podem acabar expressando sua opinião logo no começo da entrevista, culminando em respostas que o entrevistado imagina que o entrevistador deseja ouvir, sendo, portanto, menos confiáveis enquanto evidências. Assim, as perguntas devem ser formuladas de modo que não sugiram uma resposta. Voltando ao momento da entrevista, outra advertência do autor é de que o entrevistador evite interromper a fala do entrevistado, pois, por mais tentador que isso possa parecer em certas circunstâncias, ao realizar essa interrupção, estará possivelmente colocando um ponto final não apenas na história que estava sendo contada, mas a tantas outras que poderiam vir à tona na sequência. Como vimos anteriormente, certos comentários por parte do entrevistador podem ser bem-vindos, no entanto, o ideal é que se aguarde o término da fala do entrevistado para realizá-los.

Outras questões a serem consideradas dizem respeito à parte material necessária à entrevista- como a decisão entre o uso de gravador ou bloco de anotações, por exemplo- bem como a escolha do local onde a mesma se realizará. A mesma regra vale para ambos: a forma ideal é aquela em que o entrevistado se sinta mais à vontade. Salvo raras exceções, a atmosfera de formalidade coloca uma série de empecilhos para o bom andamento da entrevista. Quase sempre, o ideal é que o entrevistador esteja sozinho com o entrevistado, no entanto, nem sempre isso é possível e também nem sempre é algo negativo para a entrevista. Da mesma forma que a presença de terceiros pode inibir o entrevistado ou condicionar suas respostas, também pode ocorrer que um estimule o processo de rememoração do outro.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

(THOMPSON, 1992).

Identificamos tal situação em duas entrevistas por nós realizadas: com Ivone e com Wilma. Ambas solicitaram como pré-condição para a realização da entrevista, que ela fosse realizada na presença de suas filhas- Lillian e Jéssica, respectivamente- o que, nos dois casos, acabou enriquecendo o produto das entrevistas. Dentre outras coisas, Ivone lembrou com o auxílio da filha, da ocasião em que esta se vestiu de palhaço para animar a festa de São Cosme e Damião da Dona Nilda Benzedeira; enquanto que Wilma, em diversos momentos da conversa, solicitou a ajuda de sua filha para lembrar-se de fatos, com podemos perceber no seguinte trecho:

ALINE: E a festa? Agora vamos falar da festa. Então há quanto tempo que a senhora participa? Ela diz que faz a festa há vinte e poucos anos, desde que ela chegou aqui. Que a festa começou um pouquinho menor e foi crescendo. E a sua participação lá? Desde quando? Isso mais ou menos?
 WILMA: É... não, porque antes de mim tinha outras pessoas que faziam né Jéssica? JÉSSICA: Não lembro, eu era pequena. WILMA: Só que daí quando eu comecei a fazer, é, você era pequena. Aí quando eu comecei a fazer... ALINE: Não parou mais. WILMA: Só parei quando eu tava internada no hospital. JÉSSICA: Um ano só. WILMA: Por um ano só. Um dia só de uma festa né. Aí esse ano eu não pude compartilhar com ela. ALINE: E daí a senhora sabe quem que fez esse ano ou não? WILMA: Esse ano fui eu. Ah! Esse ano... ALINE: O ano que a senhora não foi. JÉSSICA: A Cida do Xiquinho. WILMA: Não! JÉSSICA: Foi! Ela com a Rogéria. WILMA: Foi? A Cida com a Rogéria! (NALCQ, 2016: 07,08).

A última etapa do trabalho com narrativas orais: a da interpretação e escrita da história. Aqui, o historiador se vê diante de um dilema crucial: abordar a história por meio da biografia ou mediante a uma análise social mais ampla. Em linhas gerais, Thompson (1992) explica que existem três modos pela qual a história oral pode ser construída: A primeira, diz respeito à narrativa da história de uma única vida, que evidentemente, não precisa apresentar uma só biografia individual, podendo, inclusive, servir de fio condutor para a reconstrução de uma série complexa de eventos. A segunda forma trata-se de uma coletânea de narrativas, permitindo que essas sejam utilizadas na construção de uma interpretação histórica mais ampla, agrupando-as em torno de temas comuns. A terceira forma é a da análise cruzada, na qual a evidência oral é tratada como fonte de informações a partir da qual se organiza um texto expositivo, numa associação entre análise e apresentação de histórias de vida integrais. É importante ressaltarmos que essas três formas de construção não são mutuamente exclusivas e sim complementares, havendo então a possibilidade de uma mesma pesquisa ser desenvolvida através de mais de uma forma, como é o caso da presente pesquisa.

A entrevista realizada com Dona Nilda benzedeira se deu através da modalidade “história de vida”, por entendermos que o conhecimento de sua história poderia esclarecer inúmeras questões sobre as práticas por ela desenvolvidas, o que se confirmou no momento da análise de sua narrativa. Quanto às

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

28

demais entrevistas realizadas, a modalidade “história oral temática” se mostrou mais conveniente, uma vez que nosso interesse reside especificamente na participação dos indivíduos na crença em Dona Nilda Benzedeira e em sua festa a São Cosme e Damião.¹⁵

Em nosso trabalho com fontes orais para o desenvolvimento da presente pesquisa, desde a preparação para as entrevistas até a cuidadosa análise dos produtos que resultaram das mesmas, procuramos ser fieis a todos os pressupostos defendidos pela metodologia da história oral, buscando o desenvolvimento das mencionadas qualidades necessárias ao historiador que trabalhe com tal metodologia. A conclusão que chegamos é a de que elaborar um texto como resultado de uma pesquisa embasada em evidências orais não requer, a princípio, muitas habilidades além das necessárias a escrita de textos baseados na análise de outros tipos de fontes. A interpretação, diferente do que se possa pensar num primeiro momento, está em todas as fases da operação historiográfica: na fase documental, na explicação e na representação literária, ou seja, a interpretação do historiador se faz presente desde a escolha das fontes que irá consultar para resolver determinado problema, ou, melhor dizendo, desde a escolha dos problemas que pretende solucionar.

No entanto, não há como negar o fato de que se trata de uma experiência singular, pois, em meio à escrita, surge um imenso desejo de se partilhar a intensidade das histórias de vida e experiências que se ouviu e sentiu, ainda mais por se tratar de um “material” não apenas descoberto, e sim, construído na relação entrevistador *versus* entrevistado, o que por si só já confere caráter especial. A tensão percebida pelo historiador que trabalha com a metodologia de história oral, em meio a sua busca pelo êxito na escrita da história, será sempre entre a generalidade e o detalhe; entre a teoria e o fato; entre a história e a vida real.

Referências bibliográficas e bibliografia

ALBERTI, Verena. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. Revista *História Oral*, v. 08,

¹⁵Para maiores informações e diferentes reflexões acerca da metodologia de história oral ver: ALBERTI, Verena. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. Revista *História Oral*, v. 08, n. 01, p. 11-28, 2005; FREITAS, Sônia Maria de. História oral: procedimentos e possibilidades. São Paulo: Editora Humanitas, 2006; PRINS, Gwin. História oral. In: BURKE, Peter. (org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 163-198.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

29

n. 01, p. 11-28, 2005.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.). *Usos e abusos da história oral*. 7 Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 183- 191.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: Ensaios de psicologia social*. 3 Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BURKE, Peter. *Varietades de história cultural*. 3 Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CANDAU, Jöel. *Antropologia da memória*. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2005.

_____. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.). *Usos e abusos da história oral*. 7 Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Institucionalização e expansão da História Oral: dez anos de IOHA. *Revista História Oral*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 131-147, 2007.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.). *Usos e abusos da história oral*. 7 Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 03-13.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: procedimentos e possibilidades*. São Paulo: Editora Humanitas, 2006

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Raízes de um paradigma indiciário*. Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica; cartografias do desejo*. São Paulo: Vozes, 1986.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006. LE GOFF, Jacques. Memória-História. In: *ENCICLOPÉDIA EINAUDI*. Porto: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.). *Usos e abusos da história oral*. 7 Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 43-62.

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. 71. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (org.). *Usos e abusos da história oral*. 7 Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 167-197.

LIMA, Vivaldo da Costa. *Cosme e Damião: o culto aos santos gêmeos no Brasil e na África*. Salvador: Corrupio, 2005.

MACHADO, Bárbara Araújo; MONTENEGRO, Antônio Torres; NETO, André de Faria Pereira. História Oral no Brasil: uma análise da produção recente (1998/2008). *Revista História Oral*, Rio Grande do Sul, v. 10, n.2, p. 113-126. 2007.

MAIA, Marilane Machado de Azevedo. Leocádio José Correia: Vida, memória e representações. Curitiba, 2016, 259 f. *Tese (Doutorado em História)* Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

MARCHI, Euclides. O sagrado e a religiosidade: vivências e Mutualidades. *História: Questões & Debates*. Curitiba, n. 43, p. 33-53, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 41-58, 1993.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*. São Paulo, n. 15, p. 13-49, 1997.

MEMÓRIA E ACERVOS DOCUMENTAIS. O ARQUIVO COMO ESPAÇO PRODUTOR DE CONHECIMENTO

De 26 a 28 de julho de 2016 – Unicamp, Campinas – SP

30

PRINS, Gwin. História oral. In: BURKE, Peter. (org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 163-198.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SILVA, Eliane Moura. *Reflexões teóricas e históricas sobre o Espiritualismo entre 1850-1930*. Relatório de pesquisa. Departamento de História. Campinas: UNICAMP, 1997.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Fontes

FALCADE, Rosi do Rocio. *Entrevista concedida à Aline Suzana Camargo da Silva Cruz*. Matinhos, 14 de abril de 2016. Acervo da pesquisadora.

LIMA, Ivone de Fátima. *Entrevista concedida à Aline Suzana Camargo da Silva Cruz*. Matinhos, 06 de agosto de 2013. Acervo da pesquisadora.

NALCQ, Wilma Ferreira. *Entrevista concedida à Aline Suzana Camargo da Silva Cruz*. Matinhos, 12 de janeiro de 2016. Acervo da pesquisadora.

NETO, José da Silva. *Entrevista concedida à Aline Suzana Camargo da Silva Cruz*. Matinhos, 25 de julho de 2013. Acervo da pesquisadora.

PONTAROLO, Mansueto. *Entrevista concedida à Aline Suzana Camargo da Silva Cruz*. Matinhos, 03 de julho de 2013. Acervo da pesquisadora.

RODRIGUES, Lucilene. *Entrevista concedida à Aline Suzana Camargo da Silva Cruz*. Matinhos, 09 de julho de 2013. Acervo da pesquisadora.

SANTOS, Antônio Carlos Nascimento dos. *Entrevista concedida à Aline Suzana Camargo da Silva Cruz*. Matinhos, 02 de agosto de 2013. Acervo da pesquisadora.

SANTOS, Maria Aparecida Gregório dos. *Entrevista concedida à Aline Suzana Camargo da Silva Cruz*. Matinhos, 31 de julho de 2013. Acervo da pesquisadora.

SILVA, Nilda Teles da. *Entrevista concedida à Aline Suzana Camargo da Silva Cruz*. Matinhos, 05 de julho de 2013. Acervo da pesquisadora.

URL: http://zedaecler.blogspot.com.br/2014_09_01_archive.html. Acessado em 17/06/15.

URL: <http://www.febnet.org.br/blog/geral/noticias/efemeride-desencarnacao-bezerra-de-menezes/> Acessado em 10/05/2016.

URL: <http://www.sbee.org.br/dr-leocadio/sbee/orientadores/leocadio-jose-correia> Acessado em 10/05/2016.

URL: <http://www.youblisher.com/p/984861-Jornal-O-Imparcial-Ed-34-de-25-09-2014/> Acessado em 10/05/2016.